



"Meeting at the Top" Vitor Pomar 2016

POMAR & POMAR

"VER o que salta aos olhos"

**Galeria 111, Lisboa, com inauguração às 21:00 horas do dia 30 de Junho
de 30 de Junho até 17 de Setembro 2016 (fechada em Agosto)**

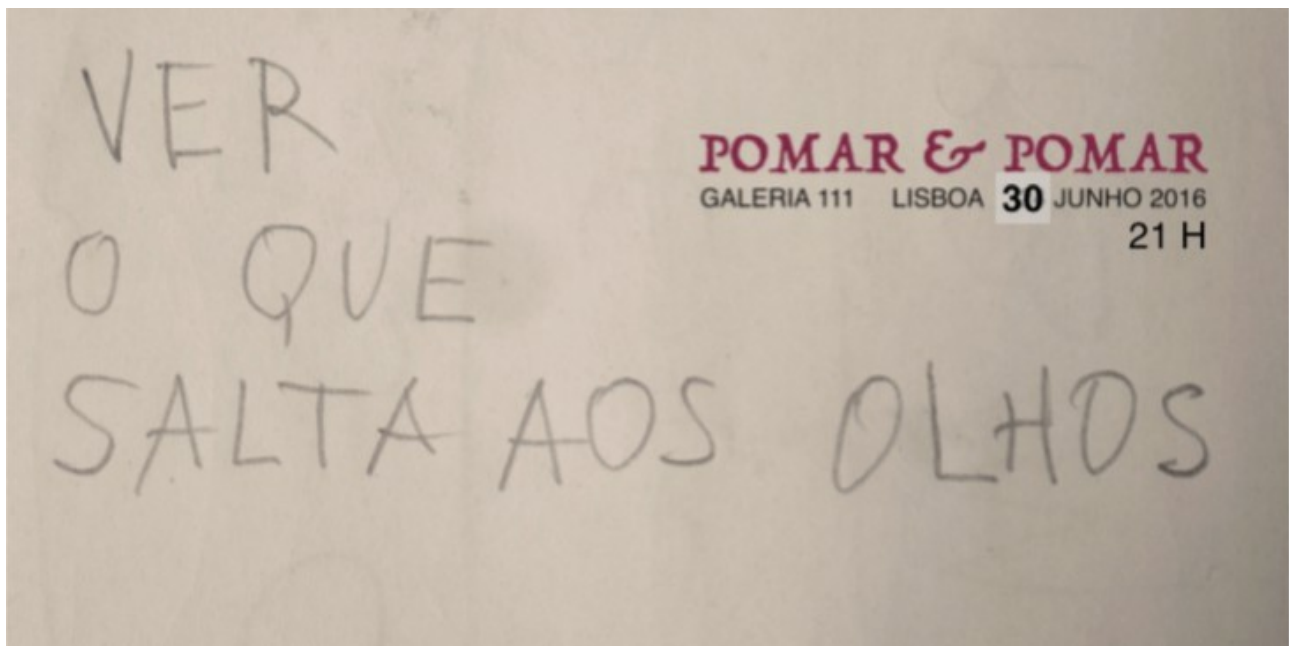
**Seleção de obras de Júlio Pomar da coleção da Galeria num excepcional encontro-celebração com a
coerente e multi-facetada obra de Vítor Pomar**

POMAR & POMAR

*The exhibition, "SEEING what hits you in the eye",
will open at Galeria 111 in Lisbon on Thursday, June 30th at 9 p.m..*

Until September 17 (closed in August)

*A selection of works by Júlio Pomar, from the gallery's own collection, will join the consistent and
multi-faceted work of Vítor Pomar, from his first solo exhibition in 1970 to today, in an exceptional
meeting celebration.*



VER O QUE SALTA AOS OLHOS

Isto é uma celebração. O que é uma celebração? É uma conjugação de factores auspiciosos. Há o local e o momento, que constituem o palco e a encenação da peça que se vai desenrolar. Depois, há os actores e a acção. Descortinamos portanto pelo menos cinco elementos em presença. Tudo joia! Tudo conjugado de modo auspicioso. Ora bem, trata-se de um laborioso cozinhado, preparado para uma certa ocasião. Um repasto, pois. Mas devemos assumir que esta possibilidade (quântica) ilumina todos e cada um dos sucessivos momentos que vamos piedosamente enfiando, quais pérolas que um anónimo fio viabiliza como joia preciosa que entendemos ser a vida. Este é o valor que a celebração trás consigo, algo de sobremaneira abrangente, nunca restritivo. Quanto a celebração estamos entendidos.

Resta-nos elaborar acerca do que poderá ser o próprio conteúdo tanto da tal celebração como da vida. De memória citarei o poeta (?) quando diz que “todas as cartas são cartas de amor”. Levando esse pensamento/sensação um pouco mais longe, se ousar dizer, a qualidade atribuída a cada carta deverá ser ampliada de modo a caracterizar cada um dos momentos da tal sucessão vivida. Não se trata aqui duma imposição mas tão só de um reconhecimento da própria natureza da existência/realidade. Se assim for, como vamos poder entender tanta miséria e tanta violência que se manifesta por esse mundo fora? Será possível entender toda e qualquer violência, seja ela íntima ou pública, como “uma derrapagem amorosa”?

Ao descobirmos que a realidade pode ser absolutamente representada por “um eterno e extático abraço”, então podemos dar início a uma visão que implica uma “boa vida” globalmente generalizada. Assim, a liberdade torna-se um bem comum que a todos enriquece.

Esta é a liberdade que não depende de causas e condições mas que torna possível o vago sentimento de liberdade que todos já alguma vez experimentámos e que sempre reivindicamos.

O exercício da criatividade tal como o podemos conhecer, aparece como uma pedra de toque desse eterno e extático abraço. Não será esse o fascínio que as artes espelham? Não será essa a vertigem que nos chama e ilumina?

Não será esse o ponto de partida que, coincidindo com o ponto de chegada, torna o objectivo final sempre presente e acessível? Fica a deixa para que cada um por si verifique a sua certeza ao atentar nos quadros duma exposição, linguagem bidimensional capaz de apontar directamente ao cerne da realidade.

A isso chamei “ver o que salta aos olhos”!

VP, Assentiz, 4 Maio 2016



214 x 246 cm - Sem título, Vitor Pomar 2009

SEEING WHAT HITS YOU IN THE EYE This is a celebration. What is a celebration? A celebration is a combination of auspicious factors. A time and a place setting the stage and backdrop for the play. Then come the actors and the plot. So we can distinguish at least five elements here. Everything is fine. Everything is combined auspiciously. So a celebration is a laborious blending of ingredients for a certain occasion. Like a feast. But we should recognise that this (quantic) possibility enlightens each and every successive moment that we gratefully thread, just like pearls pulled together by an anonymous string to create the precious jewel that is life. This is the importance of celebration - something incredibly all embracing, never restrictive. So we are clear about celebration.

Now we just have to reflect on what that celebration and life itself may actually consist of. From memory, I will quote the words of the poet (?) who said that “all letters are love letters”. Taking this thought/sensation a little further, if I may be so bold, I would say that the characteristic attributed to each letter should be amplified to describe every moment of each successive experience.

This is not about imposing an idea, but of merely recognising the very nature of existence/reality. If this is the case, how can we understand so much poverty and violence throughout the world? Is it possible to see each and every act of private or public violence as love off-the-rails?

When we discover that reality can be symbolized absolutely as “an eternal, ecstatic embrace”, then we can begin to see things from the perspective of a “good life” for everyone in every sense. Thus freedom becomes a common value that enriches us all. This is a freedom that does not depend on causes and conditions, but one which gives us that vague feeling of liberty we have all had at one time or another and for which we always yearn.

Creative practice, as we know it, is a touchstone of this eternal, ecstatic embrace. Could this be the fascination reflected by the arts? Could this be the light-headedness that calls out and enlightens us? Could this be the point of departure that coincides with the point of arrival, turning our final goal into something ever present and accessible? I will leave you with these ideas and then each one of you can test this certainty when you appraise the pictures at an exhibition - a two-dimensional language which points straight to the heart of reality.

I have called this “seeing what hits you in the eye” VP, Assentiz, 4th May 2016



UM ENCONTRO por Maria Clara Paulino

“Ver o que salta aos olhos” é, acima de tudo, um encontro. Vários encontros, afinal: um, entre o visitante e cada peça (e é Barnett Newman que defende, em *The Sublime is Now*, que esse é um encontro em tudo semelhante ao de duas pessoas que assim estabelecem uma relação profunda); outro, entre as peças de Júlio e as de Vítor; e um outro, ainda, entre o visitante e a conversa que este vier a tecer entre elas. É o olhar de cada um, mais do que a intenção de autores ou curadores, que irá desenhar convergências e divergências, paralelismos, oposições e complementaridades entre Pomar & Pomar. Parafraseando John Berger, o ato de ver envolve uma decisão que determina um relacionamento e o visitante tomá-la-á antes mesmo de a saber articular, porque ver precede a fala e a natureza recíproca da visão é anterior ao diálogo.

"[Porque] uma forma de registrar e apreciar plenamente o significado estético, e o impacto de uma pintura é fixar os olhos num ponto central, ou num outro ponto qualquer (dependendo da composição), abrangendo simultaneamente, num só ato global de atenção, a totalidade da tela que o rodeia. O observador regista assim, simultaneamente, o impacto do campo visual no seu todo em torno do ponto de fixação e, de uma só vez, a totalidade de formas e cores interrelacionadas. Na medida em que o conseguir fazer, e se a pintura tiver qualidade, a sua atenção incidirá no que a pintura "diz" através das suas características visíveis e não, certamente, nessas características em si mesmas."

THE PHENOMENOLOGY OF SOCIAL ENCOUNTER: THE GAZE John Heron tradução M. C. Paulino

<http://www.human-inquiry.com/posetg.htm>

AN ENCOUNTER by Maria Clara Paulino

*"Seeing what hits you in the eye" is, above all, an encounter. Several encounters, actually: one, between the viewer and each piece (and it is Barnett Newman who argues, in *The Sublime is Now*, that such an encounter resembles that between two people who develop a profound relationship); another, between the works by Júlio and by Vítor; and yet another between the viewer and the conversation he or she will weave between the two. It is the viewer's gaze, more so than the intention of artists or curators, that will draw convergences and divergencies, paralelisms, oppositions, and complementarities between Pomar & Pomar. To paraphrase John Berger, to see is an act of choice involving a relationship, and a viewer will make that choice even before it can be articulated, because seeing precedes speech and the reciprocal nature of vision comes before dialogue.*

(...) For one way fully to register and appreciate the aesthetic significance and impact of a painting is to fixate with the eyes some central or other point (depending on the composition) and simultaneously embrace in one global act of attention the whole of the surrounding canvas. The observer is now attending simultaneously to the impact of the whole of the visual field around the fixation point, endeavouring to register at one go the totality of interrelated forms and colours. To the extent that he achieves this and to the extent that the painting is a good painting, what he actually finds himself attending to is what the painting is “saying” through its visible features; he is certainly not attending to these features just as such.

THE PHENOMENOLOGY OF SOCIAL ENCOUNTER: THE GAZE John Heron

<http://www.human-inquiry.com/posetg.htm>



134,5x91 cm - Arbre ou Chou (Jaune) Júlio Pomar 1977

A REALIDADE COMO ETERNO ABRAÇO EXTÁTICO

“O tortuoso e brutal abismo entre sujeito e objecto colapsou, e tu e o mundo entraram numa íntima, sexual e extática união, radiante manifestação, raio e trovão do Único Sabor.

Literalmente fazendo amor com o mundo inteiro enquanto surge. E então o vento será o teu respirar, as estrelas os neurónios do teu cérebro, o sol o sabor da manhã, a terra o modo de sentir do corpo.” *One Taste: Daily Reflections on Integral Spirituality* By Ken Wilber, p.254,

REALITY AS AN ETERNAL ECSTATIC EMBRACE “The brutal, tortuous gap between subject and object has collapsed, and you and the world have entered an intimate, sexual, ecstatic union, edged with bliss, radiant in release, the thunder and lightning of only One Taste. You are literally making love to the entire world as it arises. And then the wind will be your breath, the stars the neurons in your brain, the sun the taste of the morning, the earth the way your body feels. *One Taste: Daily Reflections on Integral Spirituality* By Ken Wilber, p.254,



um reparo à margem

Por duas vezes nestes papéis
me descobri a falar de tomar gosto
Que melhor pode
peneirar a memória se não fincar
as unhas em rocha ou ramo e depois
abrir as asas e planar numa
vigilante espera?

Júlio Pomar, Poema “TRATADO do DITO e FEITO”, XXXIV, Publicações DOM QUIXOTE, Lisboa 2003

a comment apart

*Twice in these papers
I have found myself speaking about taking pleasure in something
What could be a better way of
selecting memories than using
our nails to scratch a mark on a rock or a branch, then
spreading our wings and gliding through the air
as we watchfully wait?*

Júlio Pomar, Poem “TRATADO do DITO e FEITO”, XXXIV, Publicações DOM QUIXOTE, Lisboa 2003



Júlio Pomar, Visita ao Atelier, 2004, duração 15' 25". Um longo traveling percorre toda a extensão do atelier. Sempre recuando, revela-se-nos a intimidade do trabalho criativo apesar da aparente ausência do pintor. Só quando finalmente termina o movimento da câmara nos apercebemos da presença do artista, ocupado em alguma tarefa. Obviamente não prevista, esta aparição reformula toda a leitura indiscreta a que nos tínhamos dedicado até então. Terminada a tarefa em mãos, o nosso anfitrião prepara-se e abandona o local. Sabemos agora estar confrontados com o espaço mágico do atelier, na certeza da ausência do mestre. Momento culminante, embora estático, que define a particularidade deste breve e impromptu registo.

Júlio Pomar, Visit to the Studio, 2004, duration 15'25"

The camera travels the whole length of studio.

Always moving backwards, the film invites us to discover the intimacy of creative work despite the apparent absence of the painter.

It is only when the camera finally stops moving that we notice the presence of the artist, busy working on some task.

Obviously unplanned, his sudden appearance in the film reformulates our indiscreet interpretation up to that moment.

Then our host finishes his task and prepares to leave us.

Now certain of the master's absence, we can begin to feel the magical space of the studio once more.

This static, yet culminating, moment lends a particular mood to our brief and impromptu recording.



O MEU CAMPO DE BATALHA My Own Battlefield Museu de Serralves 2003
montagem Vítor Pomar, MaxR (câmara e técnica vídeo) 15' 35" <https://vimeo.com/169714001>

O MEU CAMPO DE BATALHA, 2003, duração 15' 35".

Uma quase amnésia fez com que só passados cerca de 13 anos sobre o evento, pudesse descobrir o registo da inauguração da minha primeira grande exposição antológica que teve lugar no Museu de Serralves em Junho de 2003. A realidade imediata só aparentemente se deixa observar para além do olhar inquisidor capaz de a transformar em território conhecível, devidamente tratado como informação domesticada. Só então temos direito ao espanto que nos escapa na vivência tarefaira do quotidiano. A interposição da câmara fotográfica, hoje capaz de registar igualmente as imagens em movimento, permite um desvio e uma distancia em relação à realidade imediata do aqui-agora. Enquanto o espelho nos ensina a capacidade de nada rejeitar nem possuir, sem no entanto abrir a porta à indiferença, o registo fotográfico, a que se vem juntar a dimensão temporal, parece interrogar-nos acerca da nossa máscara identitária sempre pronta a cair por terra. A esta natureza quase redundante se não obscena, vem juntar-se a presença tão incómoda quanto apelativa das obras expostas que tanto nos assaltam como desnudam.

Pode espreitar o filme AQUI: <https://vimeo.com/169714001>

MY OWN BATTLEFIELD, 2003, duration 15' 35"

*It was only **about** 13 years after the event that I was able to unearth the recording of the opening of my first large anthological exhibition, which took place at the Museu de Serralves in June 2003. Our usual inquisitive eye transforms the mystery of immediate reality into **knowable** territory, thus becoming **tamed** information. It seems that by means of the photographic device we can have access to the amazement **which is generally obstructed by the stressful** daily life. The **intervention** of the camera, which nowadays can also record moving images, seems to give us the necessary distance that allows us **to perceive** the immediate reality of the here-and-now. While a mirror teaches us neither **to reject nor trying to possess** the perceived image, without allowing indifference **to pop in**, the photographic recording with an added temporal dimension, appears to question the mask of our identity which is always **about to fail its function**. This **almost redundant if not obscene** nature joins the both uncomfortable and appealing works exhibited which **seem to both attack and lay us bare**.*

The film can be seen **HERE**: <https://vimeo.com/169714001>

Vítor Pomar, biografia

Aos 21 anos cheguei à Holanda como refugiado e refractário ao exército português, então comprometido com uma guerra colonial que haveria, quatro anos depois, de dar origem ao chamado '25 de Abril'. Foi com 42 anos que cheguei à Índia pela primeira vez, onde permaneci cerca de ano e meio, distribuídos por 3 anos e onde tive oportunidade de receber inúmeros ensinamentos no quadro do budismo tibetano e prosseguir alguns retiros de prática solitária, completando assim o treino iniciado a meados dos anos '80 com o mestre Zen Hogen Yamahata*. Sinto-me hoje como que sentado em diversas cadeiras, a saber as artes plásticas tal como são entendidas no ocidente, e a espiritualidade, nas suas diversas vertentes, desde o Zen ao tantra cachemiriano (com Daniel Odier**) o budismo vajrayana *** (com Dilgo Khyentse Rinpoche e outros) e ao dzogchen (com Keith Dowman****), a que em boa hora se veio juntar alguma aproximação ao xamanismo e às culturas nativas não escritas*****.

Vítor Pomar nasceu em Lisboa em 1949, vive e trabalha em Assentiz, Rio Maior.

Entre as exposições individuais mais recentes destacam-se “O Carro à frente dos Bois” Galeria Sete, Coimbra 2015, “Aparente mas sem existência própria” na Galeria Pedro Cera, Lisboa 2014 “Uma Pátria Assim...”, Museu da Eletricidade, Lisboa, 2012, "Karma Mudra", TMG Guarda 2012. “Nada para fazer nem sítio a onde ir”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2011 "Os Atributos do Ar”, Galeria Bloco 103, Lisboa. 2011 “Só Acredito em Milagres”, Centro Cultural de Cascais 2008, “Ilha do Tesouro”, Galeria Antiks Design, Lisboa, “O Meu Campo de Batalha”, Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto 2003, Slow Motion: Art Attack + Estgad, Caldas da Rainha. Participou nos eventos “Arte e Género?” (“Je t’aime, je te mange, je te tue”), Lisboa 2014, “Vita Contemplativa” (“Não se pode dar de beber a um burro que não tem sede”) Lisboa 2015.

*Ver: “Folhas caem, um novo rebento”, Hogen Yamahata, Assírio & Alvim 2003

**Ver o meu filme “MahaKaruna. Daniel Odier au Portugal”, 2004, 51' 10".

***Ver os meus filmes: “Vote for OKC Monastery”, 1994, 67'. “Dharma Life”, 1994, 77' 53"

****Ver os meus filmes: “As Doze Risadas Vajra ou o Riso do Heruka”, 2004, 106' 11". “O Lago da Consciência e a Montanha dos Meios Hábeis”, 2008, 56' 43".

*****“Las tres mitades de Ino Moxo y otros brujos amazónicos” Cesar Calvo, 1981

Vítor Pomar, biography

-- I went to the Netherlands at the age of 21, as a refugee who refused the Portuguese draft. At that time Portugal was engaged in a colonial war that would bring the revolution known as the '25th April' four years later. I was 42 when I went to India for the first time. I stayed there for about a year and a half over a period of three years, received many teachings in Tibetan Buddhism and went on some solitary retreats, thus completing the Zen training started in the mid '80s with Master Hogen Yamahata. Today I feel as if my knowledge and practice stretches across various domains such as fine art, as it is understood in the West, and spirituality in its various forms, including Zen Buddhism, Kashmiri Tantra (with Daniel Odier**), Tibetan Vajrayana Buddhism*** (with Dilgo Khyentse Rinpoche and others) and Dzogchen (Great Natural Perfection with Keith Dowman****, which over time has been joined by studies of shamanism and the unwritten native cultures*****.*

I was born in Lisbon in 1949 and live and work in Assentiz, Rio Maior. My most recent exhibitions include: “Pomar & Pomar”, Gallery 111, Lisbon 2016, "In Love with the Universe", Concas Space, Arts Center, Caldas da Rainha 2015, “The Cart Before the Horse” Gallery Sete, Coimbra 2015, "Apparent but Nonexistent" at Galeria Pedro Cera, Lisbon 2014, "Such a Homeland ...", Electricity Museum, Lisbon, 2012, "Karma Mudra", TMG Guarda in 2012, "Nothing to do nowhere to go," Calouste Gulbenkian Foundation, Lisbon 2011, "The Attributes of Air", Gallery Bloco 103, Lisbon 2011, "I Only Believe in Miracles", Cultural Center Cascais 2008. As a public speaker: Congress “Art & Gender?”, Lisbon 2014, “You can not give water to a donkey that is not thirsty”, Lisboa 2015.

**See: Falling leaves, a shooting sprout”, Hogen Yamahata, Assírio & Alvim 2003*

***See my film: “MahaKaruna. Daniel Odier au Portugal”, 2004, 51' 10"*

****See my films: “Vote for OKC Monastery”, 1994, 67'. “Dharma Life”, 1994, 77' 53"*

*****See my films: “Twelve Vajra Laughs or The Laugh of the Heruka” 2004, 106' 11". “The Lake of Consciousness and the mountain of Skilful Means”, 2008, 56' 43".*

******See: “The three halves of Ino Moxo and other wizards of the Amazon”, Cesar Calvo 1981*

JÚLIO POMAR, biografia

Nasceu em 1926 em Lisboa. Frequentou a Escola de Artes Decorativas António Arroio e as Escolas de Belas-Artes de Lisboa e Porto, tendo participado em 1942 numa primeira mostra de grupo, em Lisboa, e realizado a primeira exposição individual em 1947, no Porto, onde apresentou desenhos. Nesses anos a sua oposição ao regime de Salazar acarretou-lhe uma estada de quatro meses na prisão, a apreensão de um dos seus quadros pela polícia política e a ocultação dos frescos com mais de 100 m², realizados para o Cinema Batalha no Porto. Permanece em Portugal até 1963, ano em que se instala em Paris. Actualmente vive e trabalha em Paris e Lisboa.

De uma obra que se prolonga por sete décadas, o autor destaca, após o período inicial, dito neo-realista, as exposições «Tauromachies» e «Les Courses» (Galerie Lacloche, Paris, 1964 e 1965); a participação numa mostra dedicada ao quadro de Ingres *Le Bain Turc* pelo Museu do Louvre (1971); as séries de pinturas *Mai 68* (CRS SS) e *Le Bain Turc* (Galeria 111, Lisboa); as exposições «L'Espace d'Eros» (Galerie de la Différence, Bruxelas, 1978) e «Théâtre du Corps» (Galerie de Bellechasse, Paris, 1979); «Tigres» (Galerie de Bellechasse e Galeria 111, 1981 e 1982); «Um ano de desenho – quatro poetas no Metropolitano de Lisboa» (estudos preparatórios para a estação Alto dos Moinhos) em 1984 no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, que já em 1978 promovera a sua primeira exposição retrospectiva; «Ellipses» (Galerie de Bellechasse, Paris, 1984); e «Mascarados de Pirenópolis» (Galeria 111, ARCO, Madrid, 1988).

Além da obra de pintura, desenho, escultura, cerâmica, gravura, etc., Júlio Pomar escreveu *Catch: thèmes et variations*, *Discours sur la cécité du peintre, ...Et la peinture?* (Éditions de la Différence, Paris, 1984, 1985 e 2000), os dois últimos traduzidos por Pedro Tamen com os títulos *Da Cegueira dos Pintores* (Imprensa Nacional, 1986) e *Então e a Pintura?* (Dom Quixote, 2003); e duas colectâneas de poesias *Alguns Eventos* e *TRATADO DITO O FEITO* (Dom Quixote, 1992 e 2003).

Júlio Pomar instituiu em 2004 uma Fundação com o seu nome. Foi anunciada para Abril de 2013 a inauguração do Atelier-Museu Júlio Pomar, criado pela Câmara Municipal de Lisboa, em edifício que adquiriu na Rua do Vale n.º 7, Mercês, Lisboa, o qual contou com um projecto arquitectónico de reabilitação da autoria de Álvaro Siza.

JÚLIO POMAR, biography

He was born in 1926 in Lisbon. He attended the Escola de Artes Decorativas António Arroio and the Escolas de Belas-Artes of Lisbon and Oporto, participating in his first group exhibition in 1942 in Lisbon and his first individual exhibition in 1947 in Oporto, where he presented drawings. During this period, his opposition to the Salazar regime brought him four months in prison, the seizure of one of his paintings by the political police and the covering up of the frescos of over 100 m² that he had painted for the Cinema Batalha in Oporto. He lived in Portugal until 1963, when he moved to Paris. He presently lives and works in Paris and Lisbon.

*His seven decades of work include a so called neo-realist period initially, which was followed by the exhibitions “Tauromachies” and “Les Courses” (Galerie Lacloche, Paris, 1964 and 1965); participation in an exhibition dedicated to the painting of Ingres *Le Bain Turc* at the Museum of the Louvre (1971); the series of paintings called “Mai 68” (CRS SS) and “Le Bain Turc” (Galeria 111, Lisbon); the exhibitions “L'Espace d'Eros” (Galerie de la Différence, Brussels, 1978) and “Théâtre du Corps” (Galerie de Bellechasse, Paris, 1979); “Tigres” (Galerie de Bellechasse and Galeria 111, 1981 and 1982); “One year of drawing – four poets in the Lisbon underground” (preparatory studies for the station of Alto dos Moinhos) in 1984 at the Centro de Arte Moderna of the Fundação Calouste Gulbenkian, which promoted his first retrospective exhibition in 1978; “Ellipses” (Galerie de Bellechasse, Paris, 1984); and “Mascarados de Pirenópolis” (Galeria 111, ARCO, Madrid, 1988).*

As well as his painting, drawing, sculpture, ceramics, engraving, etc, Júlio Pomar has also written “Catch: thèmes et variations, Discours sur la cécité du peintre, ...Et la peinture?” (Éditions de la Différence, Paris, 1984, 1985 and 2000), the two last editions translated by Pedro Tamen with the titles “Da Cegueira dos Pintores” (Imprensa Nacional, 1986) and “Então e a Pintura?” (Dom Quixote, 2003); and two anthologies of poetry “Alguns Eventos” and “TRATADO DITO O FEITO” (Dom Quixote, 1992 and 2003).

Júlio Pomar set up a Foundation in his name in 2004. The Atelier-Museu Júlio Pomar was created by the Lisbon City Council. It opened in April 2013 in the building bought in Rua do Vale n.º 7, Mercês, Lisbon and restored architecturally by Álvaro Siza.

<http://www.ateliermuseujuliopomar.pt/>

Translation Bettina Myers

AGRADECIMENTOS / THANKS TO

*Atelier-Museu Júlio Pomar
Bettina Myers
Galeria 111
Galeria Pedro Cera
Júlio e Tereza Pomar
Maria Clara Paulino
MaxR*

ÍNDICE

1. Anúncio
2. VER O QUE SALTA AOS OLHOS por Vítor Pomar
3. *SEEING WHAT HITS YOU IN THE EYE*
4. UM ENCONTRO por Maria Clara Paulino
5. A REALIDADE COMO ETERNO ABRACO EXTATICO por Ken Wilber
6. Um reparo à margem, por Júlio Pomar
7. Júlio Pomar, Visita ao Atelier, vídeo, 15 min.
8. O MEU CAMPO DE BATALHA, vídeo, 15 min.
9. Vítor Pomar, nota biográfica
10. JÚLIO POMAR, nota biográfica

CONTENTS

1. *Announcement*
2. VER O QUE SALTA AOS OLHOS by Vítor Pomar
3. *SEEING WHAT HITS YOU IN THE EYE*
4. *AN ENCOUNTER by Maria Clara Paulino*
5. *REALITY AS AN ETERNAL ECSTATIC EMBRACE By Ken Wilber*
6. *A comment apart by Júlio Pomar*
7. *Júlio Pomar, Visit to the Studio, video 15 min.*
8. *MY OWN BATTLEFIELD, video, 15 min.*
9. *Vítor Pomar, biography*
10. *JÚLIO POMAR, biography*